Entre a farsa e as contradições latino-americanas: O Mesmo Grupo de Teatro apresenta “Só + Duas Histórias Latino-americanas e Fim” no FETO

Por Bramma Bremmer

No quarto dia de programação da 23ª edição do FETO - Festival Estudantil de Teatro, a Funarte MG recebeu, pela categoria Escola de Teatro, o espetáculo “Só + Duas Histórias Latino-americanas e Fim”, do coletivo O Mesmo Grupo, de Salvador (BA), formado por estudantes de Teatro da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Com direção de Michel Santana, a montagem parte de uma pesquisa sobre o teatro latino-americano e suas possibilidades de elaboração estética e política, evocando, inclusive, a obra *As Veias Abertas da América Latina*, de Eduardo Galeano, para propor outras histórias, narrativas e perspectivas sobre um continente atravessado por processos históricos de exploração, autoritarismo e desigualdade.

Dividido em duas histórias, “Felizmente, acabou a censura” e “O homem que era uma fábrica”, o espetáculo articula questões políticas, sociais e econômicas da América Latina a partir de uma linguagem popular, marcada pelo humor, pela musicalidade e por uma teatralidade assumidamente farsesca. A encenação estabelece diálogos com as festas populares, o teatro de rua e o Carnaval, explorando maquiagens expressivas, figurinos brilhantes e chamativos, alegorias e caricaturas que contribuem para a construção de um universo cênico vibrante, festivo e provocador.

Há, nessa escolha estética, uma evidente intenção de aproximação com o público. A comunicação é direta, e a comicidade ocupa um lugar central na relação estabelecida entre palco e plateia. O riso atravessou praticamente toda a apresentação, mobilizando reações espontâneas, comentários e uma participação bastante ativa das pessoas presentes.

Essa relação, inclusive, tem se mostrado uma característica recorrente de diferentes apresentações desta edição do FETO, revelando uma performatividade do público marcada pela descontração, pela disponibilidade e por uma presença coletiva bastante expressiva. Formada, em grande parte, por jovens, artistas e estudantes de teatro, a plateia parece

também compreender o festival como um espaço de encontro, celebração e compartilhamento de experiências.

Nesse sentido, o FETO ultrapassa a dimensão de uma mostra de espetáculos e se aproxima de uma espécie de ritual coletivo, no qual a experiência teatral se constrói também a partir da vibração, da espontaneidade e da participação do público. A relação entre cena e plateia ganha contornos festivos, reafirmando o caráter vivo e comunitário do acontecimento teatral.

Outro aspecto que se destaca na montagem é a musicalidade, presente como elemento importante da linguagem cênica, assim como o frescor das atuações. Há uma vivacidade evidente na presença das atrizes e dos atores, uma energia que atravessa o espetáculo e que parece estar diretamente relacionada à juventude do coletivo e à disponibilidade de seus integrantes para o jogo teatral.

O elenco, formado por Alan Barbosa, Mário Luz, Natálie Souza, Rayone Borges, Sara Lima e Thalita Balbina, apresenta uma atuação expressiva e conjunta, na qual não há necessariamente uma figura que se sobressaia individualmente. Pelo contrário, é justamente a força do coletivo que se evidencia, com uma presença cênica compartilhada e uma expressividade que atravessa todas as pessoas em cena.

Na primeira história, “Felizmente, acabou a censura”, a dramaturgia flerta com o teatro do absurdo ao apresentar uma redação de jornal diante do fim da ditadura e do processo de redemocratização do Brasil. Com a extinção da figura do censor, os jornalistas se veem diante de uma situação aparentemente contraditória: como exercer uma liberdade de expressão que, durante tanto tempo, esteve submetida aos mecanismos de repressão e controle?

A partir desse impasse, a narrativa expõe as relações de negociação e concessão entre imprensa e governo, comunicação e política. A construção de uma manchete se transforma em um processo interminável de edições, alterações e ponderações, sempre orientadas pela necessidade de adequação a uma linha editorial mais branda, menos provocativa e menos contestadora das estruturas de poder. Assim, aquilo que inicialmente se apresenta como o

fim da censura revela, progressivamente, a permanência de outros mecanismos de silenciamento, agora mais sutis e velados.

É justamente por meio da farsa, do exagero e da comicidade que a montagem evidencia essas contradições. A dramaturgia constrói situações que, embora absurdas, encontram correspondência em práticas bastante reconhecíveis das relações entre os meios de comunicação e o poder político. O riso, nesse contexto, não se apresenta apenas como entretenimento, mas também como possibilidade de denúncia e reflexão sobre os limites da liberdade de expressão e sobre as formas pelas quais a censura pode continuar operando mesmo em contextos formalmente democráticos.

Já na segunda história, “O homem que era uma fábrica”, a crítica se desloca para as relações entre trabalho, capitalismo, colonialismo e imperialismo norte-americano. A narrativa acompanha um trabalhador que, diante das dificuldades de sobrevivência em seu país, busca nos Estados Unidos a promessa de melhores condições de vida. Ao longo de sua trajetória, atravessa diferentes situações e encontros com figuras políticas e representantes do consulado norte-americano, até se perceber transformado em mais um produto de uma lógica econômica que instrumentaliza os sujeitos e transforma suas existências em mercadorias.

A história adquire contornos particularmente significativos diante do contexto político contemporâneo, atravessado pelas disputas presidenciais brasileiras, pela reeleição de Luiz Inácio Lula da Silva, pela presença de Donald Trump no governo dos Estados Unidos e pelas aproximações políticas entre a família Bolsonaro e setores do poder norte-americano. Nesse cenário, a narrativa estabelece ressonâncias com as discussões sobre o imperialismo, a permanência das relações coloniais e as manifestações do autoritarismo e do fascismo contemporâneo no Brasil.

Em determinado momento, o protagonista, ao lado de um amigo, tenta reinventar suas possibilidades de produção e sobrevivência a partir de uma espécie de malandragem brasileira, buscando alternativas para escapar das engrenagens que o aprisionam. Entretanto, a própria lógica farsesca da dramaturgia conduz essas tentativas a novas

frustrações. Os personagens permanecem submetidos às estruturas de exploração que procuram enfrentar, revelando a violência de um capitalismo feroz, capaz de incorporar, transformar e descartar sujeitos conforme seus interesses.

As duas histórias apresentam construções dramatúrgicas interessantes, sobretudo pela maneira como recorrem ao humor e à farsa para abordar questões políticas complexas. Na segunda narrativa, entretanto, o excesso de intervenções, associado às constantes reações provocadas pelo riso e pela participação da plateia, acaba tornando alguns momentos da dramaturgia um pouco mais confusos. A intensidade do jogo cômico, por vezes, interfere na compreensão e no desenvolvimento de determinadas situações, ainda que isso não comprometa a experiência geral do espetáculo nem a potência de sua proposta estética.

Há, por fim, um aspecto especialmente simbólico na apresentação de O Mesmo Grupo. Ao final do espetáculo, o coletivo compartilha reflexões sobre a importância de participar de um festival como o FETO e sobre as condições concretas de criação, produção e circulação do teatro no Brasil. A experiência de estudantes e artistas que, muitas vezes, precisam financiar suas próprias viagens e participações em festivais, sem condições financeiras adequadas ou remuneração pelo trabalho realizado, evidencia uma contradição fundamental do próprio campo artístico.

Nesse momento, a dimensão política da montagem ultrapassa as narrativas apresentadas em cena e alcança diretamente as condições materiais de existência do teatro. Trata-se também de uma defesa do ofício, da valorização das trabalhadoras e dos trabalhadores da cultura e do reconhecimento de que fazer teatro é, antes de tudo, trabalho. A presença de um coletivo oriundo de uma universidade pública torna essa reflexão ainda mais expressiva, sobretudo diante dos desafios enfrentados por estudantes e jovens artistas para desenvolver suas pesquisas, sustentar seus processos criativos e ampliar suas possibilidades de circulação pelo país.

“Só + Duas Histórias Latino-americanas e Fim” reafirma, assim, a potência de um teatro que encontra na linguagem popular, na comicidade, na musicalidade e na criação coletiva caminhos para elaborar criticamente as contradições políticas e sociais da América Latina. Ao

mesmo tempo, sua participação no FETO evidencia a importância de espaços dedicados ao encontro entre diferentes experiências de formação teatral, à circulação de pesquisas e à construção de redes entre artistas de diferentes regiões brasileiras.

Mais do que apresentar espetáculos, festivais como o FETO possibilitam encontros, trocas e experiências fundamentais para a continuidade da produção teatral no país. Em sua 23ª edição, o festival reafirma a importância de reconhecer a juventude não apenas como promessa de um teatro futuro, mas como presença ativa, criativa e politicamente comprometida com o teatro que se faz no presente.